

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
REVISITAR O CINEMA NOVO DE TAIWAN  
EM COLABORAÇÃO COM O TAIWAN FILM AND AUDIOVISUAL  
INSTITUTE, COM O APOIO DO CENTRO ECONÓMICO E CULTURAL DE  
TAIPEI EM PORTUGAL  
12 e 18 de junho de 2024**

**ZHU JIAN SHAO NIAN / 1983**

**“Miúdos do Kendo”**

*Um filme de Yi Chang*

*Realização: Yi Chang / Argumento: Yi Chang e Hsiao-Yeh / Produção: Guo-liang Syu, Bao-huei Yang / Design de Produção: Henrich Wang / Direção de Fotografia: Ching-sung Liao / Direção Artística: Hsia-Chun Wang / Montagem: Ching-Sung Liao / Música: Yang Chen / Som: Duu-Chih Tu / Interpretações: Guan-cyun Hou (Mai-zih), You Ding (You Ding), Lily Tien (Sunny), Li-feng Li (Mãe de Mai-zih) / Cópia: DCP, cores, falado em mandarim com legendas em português / Duração: 105 minutos / Estreia Mundial: 1983, Taiwan / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*

É curioso como muitos recomeços, ou “novos começos”, na história do cinema são pontuados por narrativas sobre o crescimento, também conhecidos como filmes *coming-of-age*. Enquanto filmes-bandeira destas Novas Vagas, tivemos obras que relatam as aventuras e as desventuras de grupos de adolescentes a vogar em águas turbulentas, aprendendo o que é a idade adulta de maneira, por vezes, precoce e cruel: do francês **Les quatre cents coups** (1959) de François Truffaut ao japonês **Kurutta kajitsu/Crazed Fruit** (1956) de Kô Nakahira (ou ainda a **Seishun zankoku monogatari/Contos Cruéis da Juventude** [1960] de Nagisa Ôshima) ou do polaco **Niewinni czarodzieje/Innocent Sorcerers** (1960) de Andrzej Wajda ao português **Os Verdes Anos** (1963) de Paulo Rocha... Como se vê, não faltam filmes-bandeira-de-um-cinema, belíssimos, por sinal, sobre uma certa errância juvenil, atravessados por personagens em fuga, à procura de si mesmas e, qual primeira grande vertigem da idade, enfrentando um mundo muito maior do que elas. O filme de Nakahira talvez seja aquele que mais se aproxima deste título de Yi Chang, o qual se havia iniciado na realização em **Guang yin de gu shi/In Our Time** (1982), obra coletiva com o nome de Edward Yang na lista de *directors*. As “vinhetas filmicas” que o compõem – e a de Yi Chang (“Diga-me o seu nome”) não foi exceção – incidiam precisamente nos períodos da infância e da adolescência. Com efeito, não precisamos de sair fora de portas para encontrarmos um outro importante e necessário interlocutor nesta narrativa de afinidades várias em torno de juventudes à deriva: descubra-se ou redescubra-se, por exemplo, o *early* Hou Hsiao-hsien, sobretudo **Feng gui lai de ren/The Boys from Fengkuei**, também de 1983.

Com argumento coassinado por Hsiao Yeh, romancista que foi um dos “padrinhos” do Novo Cinema de Taiwan e que é o atual Ministro da Cultura de Taiwan, **Zhu jian shao nian** propõe-se retratar uma certa juventude taiwanesa desde os seus primeiros instantes, em que a câmara percorre imagens e objetos que recheiam o quarto de um dos jovens protagonistas. O que este universo de coisas assinala é uma absoluta imersão na cultura não-asiática: livros, *posters*, um *walkman*, uma câmara fotográfica, vinis, uma

amálgama de referências *pop* a, entre outros, Buster Keaton, Elvis e James Dean, enquanto ouvimos, na banda sonora e em *over*, o rapaz a ler a carta que dirige ao seu pai radicado nos Estado Unidos. Começa por notar que releu *Jean-Christophe*, a monumental obra literária de Romain Rolland: “Li-o quatro vezes em dois anos.” Noutra carta, desabafa: “Sinto que crescer é sentir muita dor.” **Kendo Kids** é, assim, um filme mergulhado no seu tempo em que, acima de tudo, se respiram ares de mudança e se procura corporizar alguma forma de transformação. De facto, os rapazes do filme aprendem a defender-se, descobrindo, depois, que cada ação gera uma reação e que terão de responder e de se responsabilizar pelos seus atos. É uma obra que lembra os filmes iniciais de Hou Hsiao-hsien, como assinalava, mas também acompanha ou até antecipa a moda de alguns títulos emblemáticos dos anos 80 em que a adolescência é retratada como uma prova de luta e de sobrevivência. Refiro-me ao contemporâneo **Rumble Fish** (1983) de Francis Ford Coppola e ao iminente **The Karate Kid** (1984) de John G. Avildsen. Digo isto pois à obra de Yi Chang falta, apesar de tudo, a graciosidade – e a graça – dessas obras iniciais de Hou Hsiao-hsien, ao passo que comporta muita da energia e agressividade desses filmes americanos – a espaços, também pode fazer lembrar **Summer of '42** (1971) de Robert Mulligan, até porque toda a história se desenrola no tempo suspenso do verão.

Numa série de episódios mal cosidos entre si, os nossos jovens lidam, à sua maneira, com uma competição de virilidades e, depois, acabam por se unir perante a ameaça de outros grupos de adolescentes (e não só). A presença de Sunny, uma rapariga que sonha sair do país para conhecer o mundo, vai concentrar as atenções dos rapazes a dado ponto, substituindo-se aos jogos pueris da pré-adolescência. Com a paixão pelo Kendo, arte marcial japonesa envolvendo o uso de espadas de bambu, estes jovens, algo inadaptados, adquirem a confiança de que precisam para combater a violência e a injustiça na sua comunidade, assumindo, desde logo, e de maneira dramática, a missão de castigarem os violadores de raparigas que atacam de noite no parque (talvez a mais interessante sequência do filme seja aquela em que “os novos vigilantes” são postos à prova, enviando Sunny como isco para os predadores). Entre o retrato mais mundano (quase cómico) da adolescência e a narrativa de vingança (mais dramática), encontramos os condimentos de um melodrama clássico e aí eleva-se, espiritualmente, a figura de James Dean ou o que ela pode significar num título sobre *drifters* desejosos de quebrar com quaisquer amarras e de embarcar numa grande aventura.

A ausência dos pais será, neste sentido, o tema principal que é explorado, acima de tudo, na história de Mai-zih, que lida mal com a maneira como a sua mãe menospreza a figura do seu pai, a viver nos Estados Unidos. É com ele que o jovem se corresponde, em longas cartas que conferem alguma seriedade à história de tropelias aqui contada. A terceira “força” desta história, Ding You, o rebelde *teenager* que não só se introduz no grupo como se torna, de certa forma, o seu líder, representa uma espécie de corpo-síntese para os vários conflitos que esta juventude enfrenta, nomeadamente por oferecer a fuga a Sunny, com que ela tanto sonha, e por ser um exemplo de liberdade e força viril para o jovem desamparado, de pai ausente, Mai-zih. Mas, como diria Nicholas Ray, Ah-Ding “can’t go home again” e revelar-se-á uma dessas personagens flutuantes, tão trágicas quanto líricas, capazes de sinalizar muito do espírito do Cinema Novo de Taiwan.

Luís Mendonça